

ON: SMILE!
YOU'RE ON CAMERA
MARIA PEIXOTO MARTINS

ARTES VISUAIS
EXPOSIÇÃO

CURADORIA JOAÑA LEÃO

LIVRARIA ZÉ DOS BOIS

29.01.26/18.04.26

SEGUNDA A SÁBADO DAS 18H ÀS 22H / RUA DA BARROCA, 57 / ZEDOSBOIS.ORG



ON: Smile! You're on camera

Maria Peixoto Martins

Instalação composta por 270 fotografias impressas em papel offset 120 gr e som 1h30 (loop)

No século XVIII, o filósofo britânico Jeremy Bentham concebeu um modelo de prisão pensado para controlar o comportamento dos prisioneiros. Propôs uma estrutura arquitetónica em que as celas, sem comunicação entre si, se organizavam de forma circular em torno de um ponto central, onde se encontrava uma torre de vigia. A pessoa na torre conseguia observar todas as celas, mas os seus ocupantes permaneciam na incerteza de estarem ou não a ser vistos, o que os levava a um estado de autocontrolo. Esta estrutura foi designada por panóptico.

Em 1975, Michel Foucault recupera este conceito para pensar os modos de disciplina nas sociedades modernas. A constante vigilância surge como a figura do vigilante, que exerce poder sobre os indivíduos, os quais, ao internalizarem normas disciplinares, se mantêm em permanente estado de autocontrolo. Foucault identificou a presença deste mecanismo em instituições como escolas, hospitais e locais de trabalho, onde a vigilância, a normalização e a examinação se tornam mecanismos estruturais de produção de ordem social, permitindo a utilização da informação obtida para a produção de conhecimento. Para Foucault, o conhecimento e o poder estariam inextricavelmente ligados.

Cinquenta anos depois, estas reflexões adquirem uma atualidade incontornável. Na era digital, a vigilância é constante e os nossos dados recolhidos, analisados e convertidos em valor económico, alimentando sistemas que procuram antecipar e influenciar ações individuais.

O trabalho de Maria Peixoto Martins surge precisamente como um alerta para esta vigilância permanente a que estamos sujeitos, na maior parte das vezes sem termos consciência de que qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, pode ter acesso à nossa imagem. Porém este trabalho não explora apenas a dimensão opressiva desta realidade, mas evoca uma sensação de ambiguidade: momentos de humor, ternura e humanidade que, apesar de capturados sem intenção autoral, revelam uma dimensão poética do quotidiano.

Ao entrar na instalação, o público confronta-se com este espaço paradoxal: simultaneamente acolhedor e inquietante, íntimo e público. A obra expõe o gesto involuntário de sermos observados e, ainda assim, cria um território onde essas imagens ganham nova vida, desconectadas do seu contexto original.

Este encontro convida à reflexão: o que significa, hoje, falar de privacidade ou consentimento? Como lidamos com o desconforto de nos sabermos observados e, ao mesmo tempo, contribuirmos para o próprio sistema que criticamos — por exemplo, ao fotografarmos e partilharmos esta mesma instalação nas redes sociais?

Algumas contradições parecem inevitáveis. Tal como as referências a Foucault nos textos de exposições que também eu já mencionei como cliché, regressam aqui não por hábito, mas por necessidade.

Joana Leão